Pedro Barbosa

12 Fábulas Ufológicas

Preâmbulo:
Astronomia, Ufologia, Exobiologia

«Há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia.»
Shakespeare

A astronomia, e com ela a astronáutica, exploram o cosmos de cá para lá, são geocêntricas. São o homem em busca do universo: vão do perto para o longe.

A ufologia e a alienologia, ao contrário, pesquisam a vida extraterrestre no sentido inverso: de lá para cá. Do longe para o perto.
Assim a exobiologia, enquanto busca de vida no universo, tem estes dois sentidos: da Terra para o cosmos e do cosmos para a Terra.

Por isso Cosmologia e Ufologia, em vez de litigarem, só ganhavam em convergir: convergir nos seus fins, já que os seus métodos terão forçosamente de ser diferentes…

*****

Fábula ufológica nº 1:
«UMA TARTARUGA NO AQUÁRIO»

Observe-se uma tartaruga dentro do aquário de um zoo qualquer. Nós sabemos que ela está em cativeiro, mas ela tem o seu pequeno livre arbítrio. O sentido da vida é-lhe ocultado pela parede do vidro transparente que a rodeia. Ela pode mover-se para a direita ou para a esquerda, pode subir à tona para respirar, pode mergulhar, esconder-se debaixo de uma pedra no fundo ou apoiar-se num pequeno ramo de árvore. Ela está livre e presa ao mesmo tempo. Não pode sair do aquário e o sentido da vida escapa-lhe. Esse é todo o seu pequeno mundo ali, dentro do nosso mundo humano que a inclui para a observar. Mundos dentro de mundos: jogo fractal de caixas chinesas.

O sentido da vida escapa àquela tartaruga mas qualquer visitante humano do zoo sabe o porquê de ela ali estar em cativeiro: para divertir os humanos e ensinar as crianças sobre a diversidade biológica. Se aquela tartaruguinha tiver nascido já ali, e ali tiver sido sempre criada, ela não conhecerá outros modos de existência nem terá saudades de nenhum lago perdido na floresta. Ela se conforma com aquele seu único e estreito mundo. Não sabe porque ali está. Está ali simplesmente, entediada a repetir sempre os mesmos gestos, mergulhando e subindo à tona, escondendo-se debaixo da pedra ou subindo para o ramo da alga artificial. O teorema de Goedel aplica-se aqui também: só podemos ter consciência do sistema de mundo em que nos movemos a partir do momento em que conheçamos outro sistema de mundo externo que lhe dê consistência. Aquele pequeno cativeiro é para a tartaruguinha ao mesmo tempo um mundo limitado e infinito. Tal como o nosso mundo humano: onde os filósofos tentam filosofar sobre a causalidade e o livre arbítrio. Todo o pensamento escatológico do filósofo metafísico não vai mais além do que o nariz da tartaruga ao embater nos vidros que a limitam mas que não vê. Provavelmente nem se aperceberá de que outros seres maiores a observam e se divertem com ela.

A tartaruguinha não compreende o sentido da sua vida nem o seu destino. Mas nós, humanos, que ali a pusemos, que a alimentamos e cuidamos da renovação da sua água, nós sabemos o porquê de ela ali estar e o sentido da sua limitada existência. O limite da invisível parede de vidro para aquela tartaruga é o mesmo véu que nos cerca e fecha em mistério o enigmático mundo humano, sempre sem resposta.

Ao julgarmo-nos livres e filósofos e sábios, não será que toda a nossa cosmologia se reduz também a um pequeno cativeiro dentro de um zoo maior a que chamamos planeta Terra? Planeta no qual somos observados por seres extradimensionais dotados de uma estrutura cognitiva superior? Será esse o nosso destino? A nossa metafísica? Será para eles e em função deles que existimos?

Os nossos *watchers*, os nossos *keepers*, os nossos jardineiros, os nossos deuses?

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 2:
«A VACA FILOSÓFICA»
(meditações de uma vaca existencialista sobre os seus "criadores")

Vamos imaginar a seguinte situação. Num estábulo existe uma vaca que gostava de filosofar: ser uma vaca filosofante não é uma característica muito verosímil entre herbívoros ruminantes, mas a vida de clausura contemplativa a que o destino votou esta vaca fez dela uma vaca filósofa. Mais: uma vaca existencialista. E falo aqui em "destino" (não em "condição existencial", como certamente gostaria um Sartre), pois esta nossa personagem tem desde logo o destino traçado à nascença por humanos. Humanos que, num plano transcendente a ela, a determinam para toda a vida: a dita vaca foi "destinada" a viver num estábulo, a dar leite, a ser inseminada artificialmente, a parir vitelos e a terminar os seus dias num talhante a fim de aí nos deixar a sua carne.

Pois bem, esta vaca filosófica, de tanto ruminar dúvidas sobre a sua condição bovina e o sentido da sua existência, tornou-se numa vaca existencialista. Uma vaca sartreana. Ela interrogava-se sobre o "absurdo" da sua vida e dos seus semelhantes. E perguntava-se, enquanto mastigava a ração de palha sempre igual no escuro do estábulo onde vivia: «*Para que existimos nós? Porquê esta vida aqui fechada num cubículo sem quase me poder mexer? Que crime expio eu para merecer uma vida assim? De tempos a tempos chegam não sei de onde uns seres alienígenas pequeninos, a que chamam seres humanos, dão-me injecções, injectam-me na vagina nem sei bem o quê para me engravidar, e eu, que sempre fui virgem e nunca conheci o prazer de sentir o cheiro de um touro fogoso sobre o meu flanco em época de cio, dou à luz vitelos a tremer de medo pois logo me são roubados para cumprirem um destino de cativeiro igual ao meu, geração após geração… Que mal fizemos nós ao mundo para merecermos uma vida assim?*»

Como se começa a perceber esta vaca especialíssima não era apenas uma vaca filósofa: era também uma vaca teóloga e uma vaca ufologista. Ela estava próxima do conceito bíblico de "pecado original", e poderia ter-se tornado uma vaca espírita ou mesmo budista, debatendo questões de karma. Mas optou pela ufologia. E pressentia a existência de um universo paralelo ao dela onde seres estranhos pareciam habitar uma civilização a que chamavam de civilização humana e que, mediante incompreensíveis aparições e manipulações genéticas, parecia ser uma civilização alienígena de seres inteligentes que controlavam o destino dela e o destino de toda a sua raça. De onde vinham eles? Como apareciam e desapareciam? Que pretendiam eles da miserável espécie bovina?

Estas eram as suas reflexões sem conseguir chegar a nenhuma conclusão que fizesse sentido.

Às vezes duvidava: «*Serão esses aliens humanos nossos deuses? Anjos ou demónios? Há dias em que parecem cruéis, sujeitam-me a experiências clínicas sem a menor piedade, outras vezes vêm trazer-me alimento e retiram-me das tetas doridas o excesso de leite que levam não sei para onde nem para o quê. Verdadeiramente não posso afirmar que eles me queiram mal, tratam de mim e curam-me até quando adoeço, um deles até me dá uma palmada no lombo quando parte com o balde cheio de leite, mas pressinto que são eles que nos mantêm aqui reféns não sei porquê nem com que fim.*

Logo desaparecem no Além e só reaparecem no dia seguinte… O grande enigma metafísico é: o que estamos aqui a fazer? Para que existimos nós? Qual o sentido de uma vida escrava tão sofrida como a nossa?»

Em momentos mais lúgubres esta nossa personagem interrogava-se até sobre o enigma da sua morte. E conformava-se dizendo: «*Como aceder ao que está para além do nosso alcance? O além a Deus pertence - congeminava ela - e não nos é dado o privilégio de conhecermos os desígnios transcendentes dos nossos criadores.*»

Este era o ponto de vista da nossa hipotética vaca teóloga. Contudo, note-se o curioso termo que ela usou: o "Além". A nós, seres humanos biologicamente mais evoluídos, parece-nos bizarra esta questão, pois tal ideia torna-se óbvia no plano cognitivo superior em que nos encontramos face a ela - e no entanto, não habitamos nenhum "além", estamos situados no mesmo universo que ela, apenas num plano evolutivo superior.

Por não conseguir descortinar um sentido para a sua existência bovina, a nossa personagem só podia adoptar a ideia do absurdo da existência, sendo agnóstica como era, ou então delegar esse sentido em seres transcendentes a quem algumas das suas congéneres chamavam de "deuses".

Mas mudemos de perspectiva, subamos um pouco na escala evolutiva da consciência, e coloquemo-nos no ponto de vista dos seus criadores e tratadores - o ponto de vista humano. A ironia desta situação está em que nós, seres humanos, nos encontramos precisamente no plano transcendente de gestores do destino das suas vidas.

No âmbito deste plano humano (que é transcendente em relação ao plano biológico-existencial de todo o gado bovino), é óbvio que a existência desta espécie animal não é destituída de sentido. Pelo contrário - faz até todo o sentido para nós. Dependemos há muito deles para a nossa sobrevivência, seja no trabalho, alimentação ou vestuário. Mas o que aconteceria se esta vaca e todos os da sua espécie pudessem saber da verdade última que lhes é escondida? Sobretudo se chegassem a saber o destino que lhes está reservado, no nosso prato, após a sua morte? Seria a revolta metafísica de todos os rebanhos deste planeta!

Será por isso que o mistério da morte deve permanecer um mistério para todos os seres - até para nós, seres humanos? «*Húúúúúúú*!» – mugia ela.

Em momentos menos abstractos esta vaca leiteira reconhecia até aquele *alien* a quem chamava de seu "tratador", mas havia também outro alienígena humano de bata plástica a quem chamavam de "veterinário", e muitos vigilantes ou cuidadores (ou "*keepers*", ou "*watchers*", como diziam as vacas ufologistas americanas). Eram seres que tudo sabiam acerca da vida dela, do seu nascimento, morte e estado de saúde. Sim, eles eram conhecedores não apenas de todo o seu passado como do seu futuro também: esses humanos estranhos, que sabiam tudo sobre os da sua espécie, o que podiam ser senão as suas divindades? Os senhores do seu Karma? Eles geriam o seu destino e eram donos, até, da sua morte…

Tudo porque o homem estava num plano "meta" em relação a esta vaca!

Mudemos agora de perspectiva e de plano cognitivo. Se adoptarmos o ponto de vista humano, todas as inquietudes metafísicas desta vaca interrogante têm resposta. Porquê? Apenas porque o ser humano, ainda que vivendo no mesmo universo, possui um grau de evolução superior. De certo modo não só decidimos qual o sentido da vida deste animal como gerimos a sua morte e a dos seus. A vida, que para ela não tem qualquer sentido, tem sentido para nós, humanos: ela existe para nós. Tratamos dela no nosso próprio interesse, somos bons e maus para ela, pois os valores éticos e a finalidade existencial da vida dos da sua espécie não tem sentido em função deles mesmos e sim em função de nós próprios, seus criadores e seus "destinadores".

Percebe-se agora a razão desta minha comparação: é que nós, seres humanos, sempre vivemos numa situação similar à desta vaca filosófica!

Sem sermos capazes de ancorar as nossas dúvidas existenciais num Além a que por definição não acedemos, vamos atribuindo desde há milénios a outros seres que nos transcendem - sejam eles chamados de deuses, demónios, ou ET's - a incognoscível explicação da nossa criação, do nosso destino e da finalidade da nossa existência neste absurdo plano aqui.

Subamos então uma oitava na escala animal evolutiva. Qual o sentido da espécie humana? Algo tão absurdo para nós quanto o destino da vida desta vaca leiteira? Será que, sem o sabermos, há na Natureza outros seres que nos observam, nos criam e nos usam, habitando o lugar da nossa transcendência incognoscível?

Venham os teólogos falar-nos de deuses criadores, ou venham os ufólogos falar-nos de enigmáticos e ubíquos seres alienígenas, vai dar ao mesmo. São seres que tudo parecem saber e poder sobre a nossa existência, vigiando e cuidando do planeta que habitamos, seres que, segundo consta, raptam até alguns humanos e fazem com eles experiências genéticas (são as famosas "abduções"), seres que aparecem furtivamente e logo desaparecem sem nunca se darem a conhecer… Não haverá aqui uma convergência alarmante que nos força a reflectir? Que interesse podem eles ter em nós - sejam eles deuses ou aliens? Que mistério se esconde para lá da nossa morte? Ou para aquém do nosso nascimento?

Sabê-lo-emos antes ou depois de transposta a fronteira?

Nada mais direi por agora. Mais tarde se contará também a parábola do "Formigueiro à beira da auto-estrada", algo que reedita a unicidade do MULTIVERSO: essa imensa cebola cósmica onde são centrifugados os inumeráveis universos paralelos…

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 3:
«RACIOCÍNIOS DE PEIXE»

(a propósito de sequestros e abduções alienígenas)

«A mente que se abre a uma ideia nova jamais voltará ao seu tamanho original.»
Einstein

A) O que pensará o peixe do pescador? Que foi raptado por um *alien* e atirado de novo à água? Que atravessou um portal dimensional? Que visitou um mundo transcendente, irrespirável para as suas guelras e menos denso do que a água? Que ascendeu a um plano etérico, subtil? Que foi um "escolhido" pelos deuses? Manipulado pelo anzol ardiloso de um ser de outra dimensão? Ou que foi levado a conhecer a morada dos deuses como Enoch?

B) E o que pensará um peixe dentro de água ao ver o casco de um navio? Que viu um OVNI? Ou um OSMNI? Um Objeto-Sobre-Marino-Não-Identificado? Descido de um mundo paralelo que ele desconhece? Pensará o peixe num mundo transcendente cuja linha de fronteira se situa na superfície do seu céu? Algo entre o mundo da água e o mundo do ar?

C) Em suma: se o peixe for um astrofísico estará agora a elaborar uma teoria aquática de mundos paralelos. Mas, na óptica empírica do pescador, ambos habitam o mesmo planeta...

(Não sei se me consegui fazer entender: nesta parábola nós somos o peixe.)

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 4:
«ALIENS, LIVRE ARBÍTRIO E CASA DOS SEGREDOS»

O Universo pluridimensional é uma cebola cósmica de níveis evolutivos concêntricos onde cada espécie inferior é manipulada por outra superior, sendo essa espécie superior manipulada por outra superior ainda; e assim sucessivamente, ou regressivamente, numa complexa teia fractal atravessada por links ou portais dimensionais recursivos.

Algo parecido escrevia já Fernando Pessoa numa carta datada de 1935: «Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando até se chegar a um ente supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não.»

É assim que nós, seres humanos, manipulamos aquelas espécies que nos são estruturalmente "inferiores", às quais chamamos animais, plantas, minerais; e que, por nossa vez, somos manipulados por outros seres mais evoluídos cosmicamente, seres aos quais chamamos ET's, aliens ou deuses. E tudo isto sem que pedras, plantas ou animais inferiores saibam quem nós somos (com excepção talvez das espécies "domésticas" mais próximas de nós). De modo equivalente (agora de baixo para cima e não de cima para baixo) nós ignoramos os seres cuja maior evolução nos transcende e a cuja insondável interferência chamamos muitas vezes de destinação divina. O problema é que não nos é possível ter uma compreensão clara de tal interferência extradimensional pois é algo que ultrapassa a nossa estrutura perceptiva e cognitiva.

Talvez uma vaca no pasto ou o porco numa fábrica de salsichas se diga resignadamente para si mesmo: "Assim é a vida!". Tal como nós acolhemos as leis da Natureza, o sentido ou não-sentido da humana condição, e nos conformamos com aquele estranho destino de "carregar a cruz" que algumas as religiões nos ensinaram a aceitar.

É aqui que se infiltra a ambígua questão do "livre arbítrio": entre o que chamamos a ordem e o acaso, o cosmos e o caos (ou seja, as regras do mundo que conhecemos e as que desconhecemos).

Em suma: vivemos um jogo cósmico cuja perfeita metáfora será um "*reality show*" como «A Casa dos Segredos» televisiva. Também aí há uma pequena liberdade condicionada, antecipadamente aceite pelos participantes antes de vestirem as suas personagens (tal qual os reencarnacionistas encaram a aceitação prévia do nosso percurso terreno antes do nascimento biológico). Eles entram para uma liberdade sempre espiada por um "Olho que Tudo Vê" (um Olho de Hórus electrónico, ou Olho da Providência, um Big Brother simbolizado pela Voz cármica no exterior da Casa). Observados neste planeta Terra (tal qual os concorrentes da Casa dos Segredos),

também nós humanos nos movemos nas nossas personagens dentro das regras de um jogo vital mal compreendido mas regido por regras discricionárias: manipulados nesse jogo a partir de outro plano por seres que nos transcendem. Tal qual os ineptos concorrentes da grotesca "Casa dos Segredos" que são controlados pela toda-poderosa "Voz": sempre sujeitos a essa intervenção quando há desvios à sua restrita liberdade. Ou então para tornar o jogo mais interessante aos espectadores. E logo vêm as "abduções" na sala do confessionário, onde as personagens desse microcosmos contactam com o "mundo lá fora" (que mais não é do que o mundo de onde vieram); aí uma porta-voz tagarela serve de mediadora entre os participantes e os "deuses" ignotos (em voz off) que ditam o destino às personagens, chamando-as ou não para junto deles (seus deuses caricatos) consoante o seu inescrutável arbítrio.

Um tal jogo televisivo nada mais é do que uma versão em escala reduzida do nosso lugar no planeta e do incompreensível jogo a que (do lado de cá) chamamos Vida!

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 5:
«GAIVOTAS, HUMANOS E ALIENS»
(sobre a presença alienígena na Terra)

A ciência humana continua à procura de micróbios em Marte. A isso se chama pomposamente "exobiologia". Consideramo-nos presunçosamente os protagonistas da Grande Aventura Cósmica – e só por isso é ainda hoje difícil ao orgulho humano aceitar a presença entre nós de vida extraterrena.

Porquê então procurar tão longe o que provavelmente sempre esteve aqui tão perto? Ao longo de milénios? Na história milenar das culturas, do Oriente ao Ocidente, tudo parece de facto indiciá-lo. Deuses, anjos, demónios, lendas ou mitos? Não entremos em disputas estéreis que sempre geraram mais calor do que luz.

Observemos antes as gaivotas.

Consideremos por exemplo as gaivotas que sobrevoam junto ao mar as margens do Douro em número quase epidémico para nós, seres humanos. Elas vivem no seu mundo aéreo, e certamente desconhecem que compartilham connosco uma civilização paralela à delas, sujando-a com os seus excrementos e alimentando-se do nosso próprio lixo que desagua por esgotos no rio. Elas são nossos parasitas sem saberem e é o nosso interminável lixo que as sustenta. No condomínio onde habito há um regulamento que obriga os donos dos cãezinhos a limparem com luvas os cocós deixados na relva do jardim. Mas as gaivotas que sobrevoam o mesmo condomínio ignoram totalmente essas regras de higiene. Fazem ninho nos telhados, aliviam despudoradamente as cloacas sobre os tejadilhos dos automóveis, deliciam-se com os nossos restos de comida e os dejectos lançados ao rio. Fazem tudo isto sem saberem que estão a invadir propriedade alheia… E com toda a probabilidade ignoram a circunstância de coabitarem uma outra civilização paralela à delas. A leis humanas só valem para a sociedade humana, não vinculam a sociedade das gaivotas a respeitá-las. Assim elas as ignoram alegremente, tal como todos os outros seres vivos com quem compartilhamos o mesmo planeta: salvo animais domésticos ou domesticados. Todas as comunidades biológicas vivem segundo regras que só valem para o interior de si próprias. A sociedade das gaivotas coabita com a sociedade humana, mas ignorando as suas leis e talvez mesmo a sua existência como tal: apesar de ambas compartilharem o mesmo ambiente ecológico. E o que fazemos então quando as leis de uns colidem com as dos outros? Por exemplo, quando a excessiva população de pombos se torna incómoda para a higiene das nossas cidades? Afastamo-los ou exterminamo-los zelosamente.

Ora nós, com relação a seres mais evoluídos, aqueles a quem chamamos de ETs, ultraterrestres, alienígenas ou seres extradimensionais, não faremos o mesmo? Muitos, para não dizer a quase totalidade dos humanos, parece que os ignora (ostensivamente os ignora). Mas tal não impede que eles vivam lado a lado connosco, no mesmo universo e até no mesmo meio natural que nós - apesar de incognoscíveis ou indetectáveis pelos nossos dispositivos perceptivos, tecnológicos, cognitivos. Ridículo seria querermos impor-lhes leis para os sujeitar ao nosso meio social: por exemplo, proibindo-os de sobrevoarem o "nosso" espaço aéreo ou de invadirem as nossas casas para nos abduzir. Isso estaria, aliás, fora do nosso alcance. Igualmente nos será difícil

respeitar as regras deles, pois as desconhecemos. Ou serão essas regras as "Tábuas da Lei" que por meio das religiões e seus avatares eles nos tentam passar? Essa seria uma hipótese bem afim da teoria dos Astronautas Ancestrais... Todavia, enquanto habitantes mais elevados do mesmo Multiverso, o que os poderá impedir de intervirem na nossa civilização ao longo das idades? Muitos indícios há de que tal sempre aconteceu. De modo idêntico ao que nos julgamos autorizados a fazer junto de outros seres "menores", sejam eles peixes, macacos, abelhas, baratas, aves, animais domésticos ou gado escravizado!

O que chamamos de OVNIS não será, precisamente, o registo visível de tal intervenção?

Basta então renunciar-se a uma atitude antropocêntrica e admitirmos que nós, humanos, não somos o centro nem o limite da evolução vital no Universo. Seremos as "gaivotas sem asas" de outros seres a quem chamamos Aliens? Seres que certamente desde sempre compartilham connosco o mesmo universo, e talvez até o planeta que julgamos ser "nosso"? Talvez seja chegada a hora de começarmos a tomar consciência dessa realidade... Mas para tal urge progredir até um limite mais próximo da sua evolução cognitiva e civilizacional. Pode um peixe, uma barata ou um estorninho saber da civilização humana com que se entrecruza?

O alvorecer para nós da Era Espacial marcará a transição de uma era planetária, já exaurida, para uma próxima era cósmica que reclama da humanidade uma outra consciência e novos laços de conexão? Antigos deuses serão hoje vistos como guardiães do espaço ou visitantes estelares? Provavelmente muitos deles sempre souberam de nós e terão até acompanhado, ou mesmo interferido, na nossa evolução planetária...

Quais as leis do universo em que nos propomos entrar?

© Pedro Barbosa

****

Fábula ufológica nº 6:
«O HELICÓPTERO, O RIO E A 4ª DIMENSÃO»

Considere-se o pescador que nunca saiu da sua aldeia, e que enquanto espera pela mordedura do peixe no anzol contempla as águas do rio fluindo sempre na mesma direcção. Linearmente. Ele está, digamos, na 3ª dimensão, e vê o rio a 1 dimensão. Decerto estará a dizer para si o mesmo que Heraclito: *«Nunca banhamos duas vezes as mãos na mesma água do rio»*. Heraclito representa aqui o homem "terreno" plenamente inserido no presente e na terceira densidade: ignorante dos mistérios do tempo. O rio para ele é um grande enigma: de onde vem tanta água, interminavelmente? De onde vem e para onde vai?

Suponhamos então agora que chega um helicóptero e o faz subir na vertical (como se lhe proporcionasse a experiência de uma nova dimensão): e lá do alto o nosso pescador pode ver a nascente e a foz do rio! Ela percebe então o grande mistério do rio da sua aldeia: vê a nascente e vê a foz. Vê o alto da montanha lá longe e vê o mar no fim das curvas do rio. Em suma: ele compreende o princípio e o fim do rio. Vê o passado e o futuro da linha de água a que chamava rio. Passa então a compreender o rio como um todo: alcança o seu passado, o seu presente e o seu futuro.

Bastou-lhe subir (digamos assim) uma dimensão.

Assim é o tempo que nós vivemos no quotidiano: linear como um rio. Um fio de tempo onde o passado e o futuro são pontos cegos. Mas quando ascendermos à 4ª dimensão o tempo linear transmuda-se, tal qual o rio do pescador: passamos a ver o tempo como um todo, como um lago ou um mapa prenhe de eventos simultâneos onde passado, presente e futuro não fazem mais sentido – são apenas elementos de um aglomerado único de sincronicidades. Basta pois abandonar a margem do rio...

É isso a "clarividência" que alguns humanos já têm. O conhecimento do passado, do presente e do futuro como uma totalidade manifesta do ser.

Não se trata de "adivinhação", magia, nem de bola de cristal. Trata-se apenas de subir um patamar dimensional na nossa percepção do mundo: e a linha do tempo desfaz-se. O tempo linear é a limitação do ser humano que vive ainda na 3ª dimensão à margem do rio da vida. Só isso!

É como se esse pescador fosse "abduzido" por seres alienígenas e tivesse tido uma experiência numinosa, transcendental, adquirindo uma consciência superior à dos outros aldeões que permaneceram em baixo no povoado: para ele, içado de helicóptero na dimensão da vertical, passado, presente e futuro passaram de certo modo a co-existir. É essa "metanoia" que muitas vezes parece também acontecer aos ABDUZIDOS quando são sequestrados por seres designados por eles de ET's.

Assim se poderá igualmente conceber a tão falada ASCENSÃO, voz corrente na chamada Nova Era? Ascender a uma dimensão superior (nem que seja só em corpo subtil, num sonho ou em viagem extrafísica) seria ver como um todo o que mais abaixo é distribuído sequencialmente no espaço-tempo hologramático da 3ª densidade. Essa parece ser também a visão "de cima" que ETs, aliens, deuses ou helohins costumam manifestar sobre a vida no plano terreno: a capacidade de visão transcendental nada mais seria do que o seu posicionamento numa escala de densidade superior deste universo-cebola multidimensional. Os testemunhos dos milhares de abduzidos aí estão para o relatar…

Adenda - Consideremos um outro exemplo: o caso do treinador de ténis que traz com ele um carrinho cheio de bolas. Ele vê-as como um todo num simples lance de vista, um mero aglomerado de bolas: mas se as fizer "descer" uma dimensão (passe a metáfora grosseira) e as colocar em fila sobre o campo de ténis, ele fará com que as mesmas bolas só possam ser vistas percorrendo com os olhos uma linha contínua de tempo e o aluno terá de rodar o pescoço para as percepcionar sequencialmente, uma a uma, da primeira até à última... É como se tivesse feito passar as bolas da 3ª dimensão para a dimensão um. É assim que os deuses, os aliens e os ETs (consta, diz-se, presume-se) vêm o nosso mundo: linear para nós, mas um todo para eles. Extra-tempo e extra-espaço. Por isso eles podem interferir no nosso "destino", porque vêem num todo o que nós vemos sequencialmente: e tanto as nossas vidas passadas, como o nosso presente (onde estamos, o que fazemos, o que sentimos) ou o nosso futuro (os eventos que ainda não vivemos), tudo isso está no mesmo cesto de bolas. Ou seja, num aglomerado de eventos antes de serem distribuídos numa linha cronológica, que é a nossa visão cega do tempo!

© Pedro Barbosa

*****

Questões alienígenas 1:

A prova táctil

Antes de se estudar o Zen, as montanhas são montanhas e as águas são águas; após uma primeira noção sobre a verdade do Zen, as montanhas já não são apenas montanhas e as águas já não são apenas águas; mas, quando se atinge o conhecimento, as montanhas voltam a ser montanhas e as águas voltam a ser águas.
Chining-yuan/Seigen

Os humanos cépticos querem provas tácteis da existência de naves e de seres extraterrenos ou extradimensionais. Os humanos, na densidade física em que habitam, precisam tocar para acreditar. É uma exigência inerente à sua evolução no mundo físico. Mas fará sentido esperar tal prova de um ser alienígena que, por definição, se concebe como extrafísico? Admita-se, para o dizer só hipoteticamente, que muitas dessas naves e seres não se encontram no mesmo universo em que habitamos e sim num universo paralelo ou numa outra dimensão. O que nós vemos como naves ou seres podem então apenas ser uma materialização holográfica, um duplo plasmático de algo que se encontra fora do nosso alcance mas que os nossos sentidos captam porque aqui se manifestam como um sinal tridimensional: uma forma hologramática (digamos assim, à falta de palavra mais adequada). Um céptico humano dirá que não existe, que não passa de uma ilusão, porque nunca a humanidade conseguiu capturar esses seres ou essas naves… Querem tocá-las!? Então pergunto: duvidam da realidade dos sonhos, apesar de sempre serem intocáveis no estado de vigília? Duvidam da existência de um holograma, já hoje concretizável pela tecnologia actual? Presumo que não. Então, se for projectado no vosso espaço 3D o holograma de uma borboleta será que vão tentar capturá-la com uma rede de caçar insectos? Será que conseguem apanhá-la? Certamente que não. Essa borboleta virtual sempre escapará à vossa rede. E no entanto, ninguém suficientemente instruído deixará de duvidar da realidade do holograma só porque não o consegue tocar. Assim acontecerá com muitos seres extradimensionais que alguns humanos mais sensitivos afirmam percepcionar: gnomos, duendes, silfos, sereias,

devas, anjos, fadas, íncubos, orbes, ETs, e por aí fora no horizonte de todas as mitologias. Não é com as mãos que compreendemos uma realidade não táctil, tal como não é com os olhos nem com os ouvidos do nosso corpo que vemos o invisível e ouvimos o inaudível: há que não confiar tanto no "fundamentalismo corporal" do nosso conhecimento, resquício ainda do positivismo científico de outrora. O espectro electromagnético ultrapassa em muito a estreita faixa dos nossos sentidos.

Será que as estrelas existem para uma minhoca? Uma minhoca, cega e surda, cujo destino opaco se limita a perfurar a terra húmida com o seu focinho?

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 7:
«XADREZ E LIVRE ARBÍTRIO: OS OBSCUROS JOGADORES»

«OPTO, ERGO SUM»

Imaginemos como metáfora o jogo de xadrez. O que os nossos olhos vêem, no plano dos sentidos, é um conjunto de peças a moverem-se: isto acontece no plano físico. Mas enquanto as peças estão paradas e os jogadores pensam, há algo que não se move no plano físico mas algo se movimenta no plano mental, algo de não local, não matérico: a mente dos jogadores analisa o campo de possíveis de entre todas as jogadas permitidas pelas regras do jogo. A mente dos jogadores explora, até onde consegue alcançar, todo esse quadro imenso de possibilidades: e escolhe um lance entre todos os demais. Exerce assim a sua liberdade num campo de possíveis em aberto. Faz uma opção, toma uma decisão, faz uma escolha. Então a mente trabalha no campo dos possíveis, e é aí que a nossa liberdade se exerce. Mas é o corpo, mediante o cérebro, que comanda músculos, ossos, tendões, braços, mãos e dedos, quem transfere a decisão mental para o plano físico e faz movimentar, por exemplo, o cavalo, o bispo ou um peão. No entanto, este plano virtual, este campo de possíveis que corresponde aproximativamente ao campo

akáshico dos esotéricos ou ao campo de indeterminação dos quânticos, é o campo da liberdade exercida no terreno da imprevisibilidade. Se não fosse essa imprevisibilidade, fechada na cabeça dos dois jogadores, não haveria jogo. O jogo assenta precisamente na dupla imprevisibilidade das decisões dos lances escolhidos por parte de cada um dos jogadores. No entanto, se analisarmos melhor, o que é que faz cada jogador nesse plano virtual: o seu campo de possíveis? Ele faz uma escolha, toma uma opção, e age em função de um objectivo, que é dominar o rei, por exemplo, segundo as regras do jogo. E cada decisão tomada entre as múltiplas etapas do jogo, dirige-se para esse fim, para esse futuro. Portanto, a tomada de decisão é influenciada (na frente) por essa finalidade, por esse projecto, por essa previsão de um futuro possível. Mas por outro lado, quando ele move três casas o cavalo, ou movimenta na diagonal um bispo, essa acção no presente decorre de acções prévias tomadas conjuntamente pelos dois jogadores no passado: por exemplo, se nos lances anteriores ele não tivesse libertado as casas na diagonal do tabuleiro, ele não poderia movimentar o bispo, tal como se não saltar agora com o cavalo não poderá avançar uma casa com o peão na jogada seguinte. Assim, qualquer jogada no momento presente depende duplamente quer de todas as jogadas anteriores quer dos lances possíveis a decidir em função da finalidade futura... Em cada lance o jogador tanto pode abrir como bloquear as jogadas seguintes.

É um pouco isto que se apelida de "karma" no hermetismo, ou seja, a lei da acção e reação para os ocultistas – que não é meramente uma relação de causa-efeito directa ou mecanicista, no plano físico imediato, pois depende tanto de acções anteriores (causas) quanto de decisões orientadas para o futuro (fins). A movimentação de um bispo ou de um cavalo pode decorrer de múltiplos lances anteriores, tanto quanto pode abrir ou não o caminho para o bom desfecho final. Isto que acontece sobre o tabuleiro de xadrez corresponde ao nosso enredo cármico na vida: as nossas acções no presente são determinadas pelas nossas acções no passado, tanto quanto dependem do fim virtual que almejamos para o nosso futuro. Se por um lado há uma determinação mecanicista em relação ao passado, há também um direccionamento das nossas acções em relação ao futuro. E tudo isto neste plano se joga dentro de um sistema que é, por um lado, um campo de possíveis conjecturáveis e, por outro lado, uma extensa zona de sombra onde se esconde a imprevisibilidade. Entre uma zona e outra, entre a luz e a sombra, está o atrito entre as interacções das múltiplas liberdades em jogo das pessoas: seja no plano da vida seja no plano mais simples dos dois jogadores xadrez. Se não fosse essa sombra

de imprevisibilidade, que é o livre arbítrio dos outros, não haveria jogo de xadrez nem jogo da vida.

Em suma, o jogo de xadrez é uma alegoria simplificada do jogo da vida. E talvez por isso o chão das lojas maçónicas assente num mesmo quadriculado axadrezado: a preto e branco, em luz e sombra, a mesma dualidade que se joga neste plano da 3ª dimensão. Plano físico gerido por um plano mental extrafísico cujo domínio do virtual nos escapa: mas no interior de um campo de possíveis gerido por regras (do xadrez ou da natureza) que contextualizam a nossa liberdade....

O problema está em saber o que pensam - e sobretudo quem são - os jogadores debruçados sobre o tabuleiro de xadrez da nossa vida: jogo iníquo onde nós, humanos, somos as peças jogadas sem vislumbre da sua transcendência.

© Pedro Barbosa

***

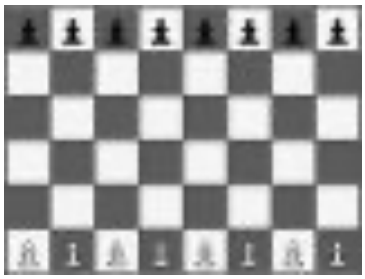
Adenda:

Interpretação Gnóstica do Xadrez

(Como mera curiosidade complemento aqui o texto anterior com esta interpretação simbólica do antiquíssimo jogo de xadrez – Fonte: Wikipédia)

O Jogo da Vida vulgarmente conhecido como Xadrez, é o Jogo que representa simbolicamente a Vida em si, o percurso de cada um cujo objectivo é ascender, transmutar (como em alquimia) as energias e eliminar os nossos egos, limpando o nosso transfundo para de Seres Lunares (o que somos) ascendermos a Seres Solares (o que pretendemos ser). Porém a vida é um tabuleiro de xadrez, no qual cada um dos nossos actos é uma jogada. Se as nossas jogadas forem boas, inteligentes e oportunas o resultado será o êxito, saúde e longevidade. Se pelo contrário as nossas jogadas forem feitas de má-fé, egoístas e inoportunas, o resultado será o fracasso, a enfermidade e a morte.

O Tabuleiro: É o jogo da Vida e nunca sabemos quando jogamos a última partida. O Tabuleiro é um quadrado perfeito com 8 casas em cada um dos quatro lados. Representam as 8 Dimensões Cósmicas e as 8 realidade alternativas.



Os Quadrados Pretos e Brancos: símbolo maçónico que representa o dualismo cósmico da terceira dimensão, representando o Yin e o Yang, a Roda do Samsara ou Roda da Vida, as forças evolutivas e involutivas que por vezes nos energizam, as casas pretas dão-nos força negra e as casas brancas, força branca, representando o positivo e negativo, o equilíbrio em tudo.

Os Peões. Indicam as 8 Virtudes de Kundalini que devemos conquistar para podermos ser aceites por Devi Kundalini. Os Peões Representam as Massas Populacionais, o Povo.

Rei e a Rainha. Simbolizam o Homem e a Mulher, o género masculino e feminino que trabalham para a Grande Obra da Vida, porém daqui surgem relações cármicas punitivas e/ou auxiliantes.

Os Bispos, os Cavalos e as Torres representam as Ordens/Sociedades Secretas:

1. Os Bispos são a Lança e a Gadanha, simbolizando desta maneira a Mãe Divina fabricante de Corpos e desintegradora de Egos. Representam as Ordens Religiosas.
2. Os Cavalos: são a força que se vai adquirindo através do trabalho com a energia sexual transmutada, simboliza também a Inteligência, a Ousadia e a Astúcia. Representam as Ordens Laborais, Militares e Bélicas.
3. As Torres são a manifestação do Corpo Astral (dos Desejos) e o Mundo Mental (da Racionalização). Representam as Ordens Políticas do Poder.

Se analisamos numericamente a quantidade de casas num tabuleiro, encontraremos 64 casas, que para efeitos cabalísticos nos dá um total de 10 (6+4=10), o qual representa a Lei da Recorrência, a Repetição, a Retribuição, a Roda do Samsara, as forças evolutivas. (Lei do Dharma + Lei do Karma = 5+5=10)

A quantidade de casas brancas é 32 (3 + 2 = 5), a lei do Dharma. Em linguagem mística da luz, quando nos iniciamos, quer no Jogo quer na Vida, existem forças brancas que nos dão as boas vindas, ou seja, quando nascemos somos "peões" com energia branca que nos indica o caminho da evolução. Porém como nada na Natureza é exacto, chega o momento em que somos postos à prova e somos confrontados com o sucesso/fracasso e mediante as nossas acções receberemos em conformidade as reacções que caracterizam a Lei do Karma e Dharma, e ou nos fazem cair nas garras das forças involutivas perdendo o jogo, ou por outro lado nas forças evolutivas ganhando o jogo, ou ainda por seu lado em nenhuma delas e empatamos permanecendo no mesmo Estado Evolutivo (caracterização da Roda do Samsara). A quantidade de casas pretas é de 32 (3 + 2 = 5), a Lei do Karma, que na linguagem mística das trevas é a decadência, a disfunção e a morte.

Todavia o bem e o mal não existem. Uma coisa é boa quando nos convém e má quando, igualmente por interesse, não nos convém. Na verdade o Ser Humano é um animal de interesses. O bem e o mal são uma questão de conveniências caprichosas do Corpo Mental. O homem que inventou as fatídicas terminologias do Bem e do Mal foi um atlante chamado Makari Kronverzyon, distinto membro da sociedade científica "Akaldan", situada no continente perdido. Este velho sábio jamais suspeitou do grave dano que causaria à humanidade ao inventar esta duas terminologias antagónicas.

Voltando mais pormenorizadamente às peças do Jogo da Vida:

Os Peões - Quando focamos o jogo nos aspectos militares sobretudo nas cortes medievais, os peões simbolizam os soldados do Rei, a primeira linha de combate, cuja base de planos dos peão é apenas Avançar sem olhar ao Medo. São como um germe com debilidade que se cria, conhecidos vulgarmente como "carne para canhão", que não são mais que entidades a abater para abrir caminho à vitória e prestar homenagem à causa. Os oito peões representam as oito Virtudes de Devi-Kundalini, que são: Compreensão, Coragem, Vontade, Fidelidade, Rectidão, Conduta, Honestidade e Dignidade. Também representam o Arcano Oito do Tarot (ou seja, a Justiça).

Os movimentos dos peões são muito limitados em simbolização a todos os automatismos sociais, contratempos, manipulação e circunstâncias que nos são, aparentemente, alheios e às quais as massas populacionais estão sujeitas.

As Torres - Simbolizam o estado de Alerta Percepção e Alerta Novidade, nos Grandes Mistérios davam ao Neófito o Martelo e o Cinzel para polirem as pedras que compunham as Torres. As duas Torres simbolizam as colunas do Templo, a Branca e a

Negra, ou melhor, a Dórica e a Jónica. Os Cimentos da torre na época medieval eram de pedra e quase todas eram feitas deste material, símbolo resplandecente da Energia Sexual.

As Torres representam as várias Ordens Políticas de Poder, cujos movimentos são totais mas apenas na horizontal e na vertical, tal e qual como a representação gráfica do espectro político vigente apenas com os dois eixos, do X e Y.

Os Cavalos - Representam o Trabalho, a Ousadia e a Astúcia, valores necessários para eliminar os Medos, as Adversidades e todos os 10500 Egos correspondentes aos arquétipos humanos. Os seus movimentos descrevem o esquadro e o compasso, símbolo importante na Maçonaria, tais movimentos são em forma de L, que no sistema de numeração romana tem o valor 50, que ao decompor-se (5+0=5) indica a Lei em Rigor, representando o Dharma, que em sânscrito significa Lei Natural. Representa igualmente as Ordens Militares.

Os Bispos - Nas cortes medievais conheciam-se com o nome de Bispos, eram os que estavam mais próximos do Rei (razão pela qual são as peças que se posicionam ao lado do Rei e da Rainha no inicio de cada Jogo de Xadrez); alegorizavam as Lanças, a Urânia-Vênus dos Gregos. Representam essencialmente as Ordens Religiosas existentes dentro e fora de todas as Religiões. Os seus movimento são totais mas apenas nas diagonais em contraste com as linhas definidas quer na horizontal quer na vertical pelas casas quadrangulares do Tabuleiro, ilustrando que o Verbo apregoado pelas Religiões não é directo, transparente, claro nem de fácil percepção para aqueles que coabitam no espaço limitado pelo Tabuleiro. (Recordo que Tabuleiro = Vida)

O Rei - O Rei surge em representação da figura masculina, representando igualmente a Sabedoria, a Orientação, a Estratégia, a Referência e a Liderança, o nosso Real Ser, a figura que ao cair, faz cair o império, a civilização, a vida, a guerra e o jogo. A representação masculina é a peça central do Jogo da Vida. Todo o jogo do Xadrez consiste em colocar o Rei numa situação tal que não se possa mover e então é quando se lhe dá a Morte, o Xeque-Mate. É sabido que só termina uma partida de xadrez quando o Rei Morre. O Rei apenas se movimenta uma casa mas em todas as direcções, horizontais, verticais e diagonais, em clara demonstração da impotência e total dependência que os Líderes têm para com as restantes peças, nomeadamente, para com as Ordens e Sociedades Secretas representadas pelas Torres, Cavalos e Bispos, e ainda, embora em muito menor escala, com a Rainha (Mulher) e os Peões (Povo). Caso o Rei ainda não tenha sido movimentado no jogo, é-lhe permitido realizar um movimento

especial denominado “Roque” com uma das Torres, com o qual se pode protegê-lo deslocando-o várias casas horizontalmente, caso nenhuma das casas entre o Rei e a Torre estejam sob ataque e o Rei não esteja em xeque. Esta técnica representa, claramente, a protecção do Líder por parte do Sistema que rege as Ordens Políticas (por elas criado).

A Rainha - Não poderia faltar no Tabuleiro da existência e no xadrez a figura feminina, o princípio universal da vida, da maternidade, o qual resplandece em toda a Obra, o Rei desdobrado em Mulher, o Eterno Amor gerador de Força e Vida. Sem a Rainha na partida de xadrez, sentimo-nos sem a melhor peça do Jogo, sem esta peça sentimos que estamos perdidos, tal e qual um filho se sente sem a figura de uma Mãe. Ao fazer-se um estudo transcendental das diferentes culturas vemos que por detrás da glória dos Grandes Homens Ilustres havia sempre uma Grande Mulher, como a Sacerdotisa de Tebas, que no meio das tochas falou às multidões, como a Sacerdotisa dos Templos de Mistérios, que reinou no Egipto, como a Vestal de Delfos, sob o nome de Pitonisa, entre outras… A Rainha, como elemento feminino, exerce o poder da atracção, provocação e inspiração no sexo oposto, tanto pode tender para o melhor como para o pior, dependendo da natureza que a define. A liberdade de movimentos da Rainha num tabuleiro de xadrez é total, em todas as direcções, o que faz da Rainha uma peça fulcral no jogo da Vida, em ilustração às fortes e infinitamente “inquantificáveis” características que a definem, sensibilidade, fonte de Amor, emotividade, inconstância, garra e expansividade. A Rainha surge ao lado do Rei como a sua companheira, guardiã e factor de equilíbrio, sem Ela o Rei perde todo o seu discernimento e sente-se solitário nas lides com as Ordens Secretas de quem depende e com os adversários que tanto teme.

Conclusão.

Na Vida e no Mundo existe uma enorme quantidade de pessoas a quem se lhe proporcionou elementos para triunfar na vida, porém carecem de hábitos e da capacidade para raciocinar logicamente. Na verdade todos os seres humanos são exemplo disso, com sentidos atrofiados que desconhecem, desdenham e desvalorizam, o que faz de nós peças inconscientes no Tabuleiro da Vida, e sobre nós arquitectam Seres Superiores que por vezes dão apoio às pedras negras e outras às brancas, o que tanta influência tem no nosso quotidiano. Através do Jogo da Vida, a gnose explica-nos, que temos de ser reais, leais, verdadeiros e inteligentes para que atinjamos a consciência necessária para a evolução individual, como também explica o

funcionamento da vida e das sociedades e quais as artimanhas, tentações e adversidades que encontramos pela frente, indicando-nos o caminho e as ferramentas de que necessitamos para as enfrentarmos de maneira a chegarmos com êxito ao ponto final do nosso percurso. Todavia, o Jogo é muito explícito, muitos são aqueles que morrem e ficam a meio do caminho e poucos são aqueles que chegam ao fim e ascendem. Contudo, e independentemente da facção vencedora e da derrotada, existem dois caminhos e a Ascensão por cada um dos dois é exequível. O importante não é ganhar ou perder, mas saber-se quem se é, de que lado se está, sem nunca se esquecerem os equilíbrios endógenos e exógenos em tudo aquilo que se está inserido.

© Pedro Barbosa

****

Fábula ufológica nº 8:
«UM FORMIGUEIRO À BEIRA DA AUTO-ESTRADA»

"A solidão é uma amnésia cósmica."
F. Monsaraz

Na berma da autoestrada está um formigueiro: uma complexa estrutura de túneis e subtúneis efervescente de actividade: "formigante" de actividade... Passa um camião TIR e toda a cidade das formigas estremece: «*Foi um terramoto de grau 5*», dirão as formigas geólogas mais sapientes. Um outro dia um camião derrapa na curva e um rodado esmaga todo o formigueiro: «*Insondáveis são os desígnios divinos*», dirá alguma formiga mística sobrevivente. O que elas não sabem, porque a sua estrutura cognitiva o impede, é que ali mesmo ao lado existe uma outra civilização – a civilização humana. E ambas as sociedades, a das formigas e a dos humanos, coabitam o mesmo universo: lado a lado. Ou antes, a sociedade humana engloba, no seu interior, a sociedade das formigas. No entanto, se a civilização humana tem conhecimento da existência do formigueiro, o inverso, assim parece, não sucede. A evolução cognitiva de uns e outros constitui uma barreira: uma fronteira transdimensional. É possível que

algumas formigas ufólogas tentem decifrar os sinais do seu Além e proponham a ideia de que não estão sós no universo, de que talvez haja seres mais evoluídos no cosmos, extradimensionais, extraformigais ou extrainsectoides, e anseiem por um contacto ET definitivo. Mas será que isso está nos nossos planos? Apenas nos importamos com elas quando invadem o chão da nossa cozinha e jogamos sobre elas a catástrofe de um jacto insecticida; ou quando alguns entomologistas humanos levam algumas delas para o laboratório a fim de melhor as estudar (esses humanos são os "abdutores" em relação a elas). Os exemplos nesta fábula poderiam multiplicar-se indefinidamente. Seria inútil, pois por aqui se percebe já o que se tenta insinuar: que nós, aqui no planeta Terra, não passamos de um formigueiro humano perdido no cosmos. E convivente, em insondável contacto, com civilizações extradimensionais mais evoluídas cuja compreensão está fora no nosso alcance…

E a Ufologia situa-se aqui: uma ponte no meio do caminho.

© Pedro Barbosa

*****

Questões alienígenas 2:

A Ufologia face ao diferente

(obstáculos metodológicos à investigação ufológica)

Um professor universitário visitou Nan-in para lhe colocar algumas questões sobre o Zen.
Nan-in serviu um chá. Encheu a chávena do professor e continuou a enchê-la.
O professor ficou a ver a chávena a transbordar até que não pôde conter-se mais:
«Já está cheia. Já não cabe mais.»
«Tal como esta chávena», disse Nan-in, «o senhor está repleto de opiniões e especulações próprias.
Como posso falar-lhe sobre o Zen sem que primeiro esvazie a sua chávena?»
(conto Zen)

A) O ser humano não suporta o diferente. A "ufologia clássica" é prova paradoxal disso. Aparentemente ela constitui-se contra o sistema do saber institucionalizado para

abordar de frente o desconhecido e o diferente: mas o que vemos? Que muitas vezes acaba por se servir de todos os subterfúgios escolásticos para aceitar a realidade do fenómeno no sujeito que o percepciona mas negando essa mesma verdade no objecto percepcionado: no mundo, digamos assim. Com tal redução subjectiva a noção de realidade estabelecida pelo sistema (pela ciência, pela religião, pela política) permanece intacta. E isso, para certos ufólogos mais cépticos ou timoratos, é o que importa: manter a todo o custo as estruturas do conhecimento estabelecido. Daí que a dimensão ontológica do fenómeno OVNI passe a ser contornada com um golpe de rins: nem que seja, em último caso, recorrendo ao estigma de loucura, delírio ou de alucinação lançado sobre os "experienciados" (testemunhas, contactados ou abduzidos) – isto porque já passou o tempo inquisitorial de os condenar à fogueira na praça pública como possessos do demónio. O problema é que as fogueiras de hoje ardem com outras chamas, mais brandas mas não menos pervertidas.

B) É aqui que frequentemente se torna difícil destrinçar o autêntico investigador do negacionista sistemático. E o reino da confusão estabelece-se, pois esse é justamente o objectivo do "debunker": desacreditar o fenómeno! A trincheira entre os dois passa pela distinção entre "crítica metódica" (sempre saudável dentro do conhecimento científico) e "crítica sistemática" (que advém do dogmatismo).

C) Por isso, alvitro aqui aos descrentes da Ovnilogia: nem tudo o que se vê de estranho é explicável como alucinação, hipnose, auto-sugestão, controle mental e estados mentais afins, ou como mito, lenda, ilusão, e por aí fora. Eu posso ver aparecer ou desaparecer uma nota de 100 euros por ilusionismo. Mas nem sempre que me desaparecem 100 euros do bolso é ilusionismo. A polícia sabe-o bem: chama-lhe roubo ou carteirismo (uma forma de prestidigitação tida como real). Importa lembrar sempre: a ausência de prova não é prova de ausência!

D) O uso das várias metodologias científicas, interdisciplinares e transdisciplinares, aplicadas ao objecto da Ufologia será suficiente? Pode sem dúvida fazer-se uma abordagem sociológica, histórico-cultural, antropológica, psicológica ou psicanalítica, ou mesmo no âmbito da física, da biologia ou da astrofísica: e o ufólogo pensa com isso que está a fazer uma ufologia científica. Contudo depressa chega a um impasse e a resultados inconclusivos. Porquê? Porque a Ciência é uma metodologia elaborada ao longo do tempo para a compreensão dos fenómenos naturais na dimensão humana da

nossa existência. Só aí é que ela é válida. Ora a ciência sempre se constituiu numa relação de adequação entre um método (que quer dizer caminho) e um objecto (o alvo do caminho). Cabe então perguntar: se os vários ramos da ciência contemplam os múltiplos aspectos da natureza humana e do seu meio, será que ao tentarmos compreender um fenómeno que por definição admitimos não ser humano (um fenómeno alienígena, extraterrestre ou mesmo interdimensional), será – dizíamos – que os métodos científicos desenvolvidos se adequam a esse novo objecto? Ou será que a Ovnilogia precisa de encontrar a sua própria metodologia ajustada à natureza do fenómeno que tenta compreender? Se postularmos uma tal hipótese, não será pela soma dos saberes científicos já constituídos que se obterá um melhor resultado.

Não se estudam os sonhos ao microscópio, nem o telescópio é de grande utilidade para as ciências humanas.

A Psicologia só se edificou como ciência quando alcançou um método próprio, compatível com a natureza dos fenómenos mentais. Ora, se admitirmos que a Ovnilogia está a lidar com fenómenos não humanos, ou mesmo extradimensionais, talvez só chegue a conclusões substanciais quando alcançar um ajuste entre a sua metodologia cognitiva e o seu objecto de estudo.

E) Finalmente, um outro problema da investigação ufológica que gostaríamos de realçar é o problema do ónus da prova. Ou da inversão do ónus da prova: neste caso, perante uma afirmação inusitada.

Face à lei, todo o cidadão é presumido inocente até prova em contrário; no entanto, face à ufologia, toda a testemunha, todo o contactado, todo o abduzido, todo o experienciado é presumido "culpado" até prova em contrário. E a Ufologia inicial desgastava-se a tentar contraditar os experienciados, partindo sempre do princípio de que eram falsários, impostores, psicopatas ou alucinados. Mas a lógica também sabe que é impossível provar a inexistência de um facto. Por isso a Ufologia dos cépticos luta contra moinhos de vento quando teima em demonstrar a todo o custo a inexistência de seres extraterrenos, alienígenas, ou de seres para além da nossa dimensão cognitiva. Só conseguirá algum resultado quando partir de uma atitude positiva para compreender o desconhecido, e não do preconceito negativo de que a ciência já sabe tudo e nada pode escapar à sabedoria humana. O antropocentrismo que considera o ser humano como o

ser mais evoluído do universo, ou do multiverso, é uma arrogância própria do dogmatismo religioso e academicista, contrário ao espírito investigativo próprio da verdadeira Ciência.

Pode-se provar a existência de um facto, mas não a sua inexistência.

Por isso, a nosso ver, a Ufologia ficará sempre bloqueada por esta petição de princípio que é exigir que os experienciados, os contactados e os abduzidos, provem aquilo que não podem provar aos outros pois se trata de uma experiência as mais das vezes estritamente pessoal: em vez de partir de uma atitude fechada e negacionista, deverá a Ovnilogia adoptar uma atitude aberta de interrogação pela positiva? Entendemos que sim. Não se pode continuar a caturrar na ideia de "vamos lá ver porque é que esta testemunha está a mentir", só porque diz algo de inabitual. A realidade é mais inverosímil do que a ficção, repetia Pirandello. Importa sim partir da ideia de "vamos lá ver o que esta testemunha tem para nos dizer": a triagem virá depois, afastando os falsários. Em vez de os ufólogos assestarem as suas armas contra os experienciados, tratando-os preconceituosamente como infractores potenciais à partida, deverá antes averiguar, pela positiva, qual a verdade de que possam eles ser portadores. Só assim a investigação ufológica sairá do seu impasse inconclusivo: porque uma tal atitude de suspeição preconceituosa é eticamente errada, e epistemologicamente também, pois vem imbuída de má-fé na sua base. Isso a impede de avançar cientificamente no desconhecido em direcção à verdade, pois apenas parece apostada em detectar as fraudes (que as há) como se toda a testemunha fosse um impostor e todo o experienciado um presumido mistificador. E não é assim.

A Ovnilogia tradicional quase se assume como um mero "detector de mentiras" e não como um "detector de verdades". O seu padrão metodológico é por assim dizer mais policial do que científico. Quando a Ufologia adoptar perante os factos ufológicos a mesma atitude que o direito face aos cidadãos, presumindo a sua inocência à partida, aí sim, poderá distinguir a verdade da fraude sem ficar travada por uma petição de princípio que a impede de avançar criteriosamente no desconhecido.

Por exemplo, para ela (e referimo-nos apenas à ufologia mais retrógrada) o abduzido torna-se uma dupla cobaia: primeiro dos "aliens" raptores, e depois dos ufólogos inquisidores que o sujeitam à humilhação de ter de provar o que muitas vezes não pode

provar pois as provas lhe foram sonegadas. Ou antes: as provas ficaram numa outra realidade ou dimensão da realidade. Só ele sabe o que viveu, o que sofreu - e o que se tornou para ele indubitável.

Perante "afirmações extraordinárias será necessário apresentar provas extraordinárias", costumam dizer alguns ufólogos – os ufólogos tendentes a supor que nada há de novo debaixo da roda do Sol. Mas será assim? É isso o que a história cultural nos mostra? Pois eu diria que perante afirmações inusitadas, inabituais face à estrutura do sistema vigente, só podem ser apresentadas provas inabituais, igualmente inusitadas. Não provas ordinárias, como o senso comum parece reclamar. E aqui remeteria para o texto anterior sobre «A prova táctil»...

«Algo só é impossível até que alguém duvide e acabe provando o contrário.»
Einstein

NOTA - No Direito Não-Penal, via de regra, vigora o princípio de que cabe ao Autor de uma Ação provar os factos constitutivos de seu direito. Por sua vez, cabe ao Réu a prova dos factos impeditivos, modificativos ou extintivos do direito do Autor. Todavia, em algumas ocasiões, a lei atribui ao Réu a responsabilidade de provar o erro das alegações do Autor, no que se chama de **inversão do ônus da prova**. Nesta hipótese, caberá ao Réu de uma ação provar que não é verdadeiro o fato constitutivo de um direito invocado pelo Autor. A **inversão do ônus da prova** é considerada um dos mais modernos instrumentos para a correta solução das lides forenses. (fonte: Wikipedia)

© Pedro Barbosa

****

Fábula ufológica nº 9:
«METAFÍSICA DA COUVE»

Tudo tem a sua física e a sua metafísica. Até uma flor, até uma couve. Podemos ver a estética e a metafísica da flor observando o quê? A vida dos pássaros ou das abelhas. Por este ângulo, a metafísica da couve está onde? No agricultor e na cozinheira: a couve

não entende porque é que nasce nem porque o seu destino é a panela, mas o agricultor sabe porque é que a faz nascer da terra, e a cozinheira sabe com que fim a arranca da raiz e a lança para dentro do tacho. Ser alimento dos seres humanos, eis pois a metafísica da couve – algo incompreensível à sua condição básica de couve. Entre a couve e o agricultor, entre a couve e a cozinheira, interpõe-se o véu da ignorância, o véu do impensável – o véu que separa, de um lado, a couve plantada e, do outro lado, o seu destino transcendente. O sentido oculto da sua vida. Oculto para a planta, manifesto para os humanos.

Assim se acham os humanos relativamente aos seus "watchers"? Aos seus criadores cósmicos? Em relação a seres extradimensionais que, por via da sua maior evolução em relação a nós, fazem do "projecto Terra" a sua horta privada?

Podem os ETs ou a Ufologia ajudar a contornar os dilemas insolúveis da "filosofia da existência"? A lançar para um terreno cósmico a perpétua discussão sobre o sentido e a finalidade da vida humana? Sinceramente estou convicto de que sim.

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 10:
«A MACAQUINHA RHESUS NO LABORATÓRIO HUMANO»

Esta macaquinha olha espantada para o mundo incompreensível do laboratório onde os humanos a fizeram nascer como cobaia de testes genéticos a serem experimentados em humanos. O seu espanto, a sua incompreensão, o seu medo, a sua tristeza está estampada no seu olhar: que pensará ela do mundo, do sentido da vida, da sua existência, do seu cativeiro e dos cientistas humanos que com cínica crueldade cuidaram dela e a acarinharam (talvez)

para sobreviver? Nunca a filosofia milenar chegou a nenhuma conclusão insuspeita sobre o sentido da vida dos humanos. Porquê? Possivelmente porque no nosso planeta-escola, planeta-prisão, planeta-laboratório, olhamos para o mundo e para aqueles que tomámos como deuses nossos criadores com o mesmo olhar de espanto e de sofrimento que esta macaquinha *rhesus* que nada sabe do seu destino... Destino que, todavia, está nas nossas mãos! Nós: seus deuses menores, seus ETs, seus Aliens?

O universo é fractal, assim se pensa hoje!

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 11:
«FALA DO ABDUZIDO NUM COPO DE AR»

«En additionnant les hasards on obtient des synchronicités et en additionnant ces synchronicités on obtient de la manipulation»
Sidonie Dubust

Todos conhecem a história do copo meio cheio e meio vazio, não é?
Diria então assim um abduzido:
Todas as manhãs de cada dia em que acordo, olho para esse dia à minha frente, à espera de ser preenchido, e não vejo nele um copo nem meio cheio nem meio vazio: vejo sim um copo cheio, a transbordar de cheio, inteiramente cheio, cheio até mais não poder ser, e que eu vou ter de beber durante esse dia mas sem sede nenhuma!
É isto que eu chamo de "carregar a cruz": o fardo do abduzido! Ter, a cada dia que passa, um copo cheio para beber mas sem o mínimo de sede... Seja ele um copo de água ou um copo de ar: de preferência de ar gelado, em cubos de gelo gasoso. E cada dia é uma dose intolerável. É isto que eu chamo de "carregar a vida" neste mundo: dá vontade de a deixar e partir, sabendo por experiência própria que tal não será permitido, mas sem saber exatamente por quem nem porquê. Sempre os mesmos ELES sem rosto que

parecem manter aqui no planeta os seus "abduzidos" como macacos Rhesus em laboratório a quem chamam "escolhidos". Mas escolhidos para quê? Condenados à vida por quem lhes controla o livre arbítrio? Se é que a liberdade humana mais não é do que uma ilusão mistificadora... Uma impostura? Uma falsa coação? Pelo menos para os "abduzidos" (sejam eles híbridos ou não) assim parece ser.

© Pedro Barbosa

*****

Fábula ufológica nº 12:
«O UNIVERSO COMO HIPERTEXTO»

(links textuais, portais dimensionais, wormholes e viagens intergalácticas)

«E o mundo, sou eu que o contemplo, é ele que me contempla, ou trocamo-nos?»
Herberto Helder

Os *wormholes*, furos ou buracos de verme, de que tanto se fala hoje em Cosmologia, são uma espécie de *links*, de verdadeiras hiperligações que atravessam o "hipertexto" do universo: o Universo é hiperdimensional. E o hipertexto, que hoje impregna o mundo da cibercultura humana, nada mais é do que a sua alegoria textual. Outrora, e bastará recuar uns dez ou quinze anos, um historiador, antropólogo ou literato que quisesse estudar um livro chinês teria que agendar uma morosa viagem a Pequim para se deslocar à biblioteca nacional e lá o consultar. Levaria meses a consegui-lo. Hoje o investigador apenas precisa de se ligar à Internet, e mergulhado na infosfera aceder instantaneamente ao texto desejado. Mais: se accionar no seu navegador uma ferramenta de tradução automática, poderá até obter uma versão aproximada do livro chinês para a sua língua. Então, um *link* assim é um verdadeiro "buraco de minhoca", um atalho textual que liga quase instantaneamente dois universos culturais situados nos antípodas do nosso espaço geográfico: através dessa hiperligação ele passa imediatamente de um texto para outro texto independentemente da distância. Praticamente todos os textos do mundo virtual passaram a estar acessíveis à distância

de um nada, ou do simples clicar de uma tecla. Um texto na China não demorará muito mais tempo a ser visto no ecrã do que um outro texto localizado no nosso próprio computador. Anulou-se o tempo e o espaço que separava esses textos. E bastou pouco mais de uma década para que a institucionalização da Internet tornasse este milagre possível. Algo impensável há duas décadas atrás.

Assim poderão conceber-se as viagens espaciais entre estrelas ou galáxias infinitamente distantes segundo as leis espácio-temporais da geometria einsteineana. Uma hiperligação feita de um texto para outro é um verdadeiro *wormhole*, um portal dimensional que liga informaticamente dois quaisquer blocos de conhecimento do nosso mundo, por mais distantes que se encontrem.

Então, sem violar sequer o limite da velocidade da luz, as ainda hipotéticas viagens interestelares podem ser concebidas exactamente assim: na condição de conhecermos ou criarmos esses *links*, esses túneis espácio-temporais entre mundos distantes ou entre mundos paralelos. Tais portais interdimensionais permitiriam, com igual facilidade, a conexão entre mundos infinitamente distantes, e isso independentemente da distância a que se possam encontrar num espaço euclideano – que não no hiperespaço! Basta conceber o Universo à semelhança estrutural do hipertexto, que é um texto 4D, a quatro dimensões: tal qual o hipercubo dos matemáticos, que é um cubo 4D. Um *link* textual torna-se então, no mundo cultural, o protótipo em escala reduzida do que poderia ser um "portal cósmico" ou ligação interestelar no infinito contexto transgaláctico do universo: e usamos aqui o termo "portal" (ou "vórtice interdimensional") propositadamente para evocarmos a terminologia cara aos esotéricos da cosmologia ou da ufologia.

Uma hipótese a ser ensaiada a curto prazo? [1]

© Pedro Barbosa

****

[1] Seja-nos permitido remeter a ideia desta fábula para um outro livro nosso anterior onde melhor se compreenderá a conexão que tentamos aqui fazer entre a estrutura do cosmos e as recentes textualidades electrónicas: *«Ciberliteratura, Inteligência Artificial e Teoria Quântica»*